

COLEÇÃO ESTUDOS E DOCUMENTOS 27

# Missionários da Índia Portuguesa (Goa) em Timor-Leste

UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA  
Lisboa 2020

# Índice

Agradecimentos	7
Introdução	9
CAPÍTULO I	
História e Geografia da Ilha de Timor-Leste	13
CAPÍTULO II	
Missionários do Estado da Índia Portuguesa, nos Séculos XVIII e XIX	17
CAPÍTULO III	
Missionários no Período do Interregno (1834-1875)	43
CAPÍTULO IV	
Missionários da Índia Portuguesa no Período da Restauração das Missões de Timor (1875) até à Ereção da Diocese de Díli (1940)	57
CAPÍTULO V	
Primeira Expedição de Missionários de Goa para a Diocese de Díli (1947)	93
CAPÍTULO VI	
A Segunda Expedição de Missionários Goeses (1954)	123
CAPÍTULO VII	
Seis Missionários da República da Índia	149
CAPÍTULO VIII	
Profissão Religiosa de Alguns Frades Dominicanos que Estiveram em Timor	155
CAPÍTULO IX	
Dois Timorenses que Estudaram no Convento de São Domingos de Goa	157
Conclusão	167
Bibliografia	169

## Introdução

Depois de termos publicado os livros sobre os Missionários Açorianos em Timor-Leste, e os Missionários Transmontanos também em Timor-Leste, vimos oferecer ao público português e timorense um livro sobre Missionários do Estado da Índia Portuguesa.

A presente obra delinea os dados biográficos dos filhos da “Roma do Oriente”, os quais exerceram a atividade missionária na ilha “donde provém o sândalo” educando e civilizando o povo timorense através da obra de evangelização e de promoção humana, cultural e social. Pelo que nos foi dado saber, andaram por terras de Timor, pelo menos, cinquenta e um sacerdotes, entre eles, frades dominicanos e padres seculares ou diocesanos oriundos de Goa. Dividimos a obra em sete capítulos: 1.º — Falamos brevemente da história e geografia de Timor; 2.º - Apresenta os missionários dominicanos (séc. XVIII-XIX); 3.º — Sacerdotes, no período do Interregno; 4.º — Período de sacerdotes goeses no tempo da Restauração das Missões (1875-1940); 5.º — Missionários enviados a Timor, depois da ereção da Diocese de Díli; 6.º — Apresentamos o segundo grupo de missionários goeses enviados no ano de 1954; 7.º — Falamos de seis sacerdotes provenientes da República da Índia e que atualmente trabalham nas Dioceses de Díli e de Maliana; 8.º — Falamos da profissão religiosa de alguns frades dominicanos que estiveram em Timor; 9.º — Falamos de dois timorenses que estudaram no Convento de São Domingos de Goa.. O livro termina com uma breve conclusão, e breves referências bibliográficas.

## Homenagem “A ÍNDIA, TERRA SAGRADA”

Em memória dos missionários goeses, com devida vénia, transcrevemos esta bonita página, da autoria do senhor Manuel Ferreira, e escrita no longínquo ano de 1954.

“Pode dizer-se que, desde o *ultimatum* de 1890, a Nação não sofreu tão rude abalo no seu brio como agora, com a ocupação brutal e ilegítima de algumas parcelas do chão sagrado da nossa Índia.

Portugueses de todas as condições sociais, de todas as raças, de todas as latitudes do pensamento e da ação, se têm manifestado exuberantemente no sentido de que o Estado da Índia seja defendido a todo o transe, respondendo-se com força à violência.

Há já quatro anos que ambições estranhas pairam, como repugnantes aves de rapina, sobre esses pedaços de terra, que são dos mais portugueses de Portugal. Quase desde a declaração da sua independência que a União Indiana, esse colosso que não conseguiu — nem conseguirá, certamente — nos próximos decénios, resolver os seus agudos problemas internos, lançou olhares cobiçosos para territórios que, em nome da razão e da justiça, lhe não podem, nem devem pertencer.

A essa ambição injustificada, responde Portugal, clamando bem alto, para que todo o mundo o oiça! Nós queremos que a Índia seja sempre Portuguesa!

A Índia! Como admitir que pudessem conhecer outra bandeira esses padrões do glorioso Império de Seiscentos? Como pensar, sequer, que as pedras sagradas de Diu, ungidas do sangue generoso dos portugueses, teatro inconcebível dos mais famosos lances da História, essas pedras por cada uma das quais o honrado João de Castro arriscava um filho, como supor que tais relíquias que, na sua nudez, nos falam de um passado imortal, passassem a mãos desvairadas de desvairadas gentes?

A Índia! Sem o descobrimento do seu caminho marítimo não teríamos o ousado Gama, nem os Jerónimos, nem a custódia de Belém. Sem a sua História incomparável, não contaríamos na nossa galeria de varões esforçados, de homens que riam da morte, o terrível Albuquerque, Duarte Pacheco, o do vau de Cambalan, Lopo Soares, D. Nuno da Cunha, velhos de rija têmpera como D. Francisco de Almeida, moços heróis como seu filho Dom Lourenço, o mimoso rajá dos cabelos de ouro.

Nesse cortejo, concebido pela nossa saudade e recordado pelo nosso patriotismo, ficaram navegantes e aventureiros, como mestre Afonso e Fernão Mendes Pinto, roteiristas como Gregório da Quadra, fidalgos como D. Luís de

Atáide, e até vultos ousados de mulheres chamadas Isabel da Veiga e Ana Fernandes, que nos assédios, ora colocava, carinhosamente, fios nas chagas sangrentas das feridas, ora empunhavam, sem temor, as suas rudes partazanas.

A Índia! Sem ela não teríamos as estrofes imortais dos Lusíadas; não haveria Goa, a maravilhosa, a segunda cidade do mundo, no século da expansão - depois de Lisboa, Goa. Sem a Índia, não teríamos a singular figura do Abade de Faria, notável pelos seus estudos sobre o hipnotismo, personagem de um dos mais lindos romances de Alexandre Dumas; o químico Dr. Agostinho Lourenço; Francisco Luís Gomes, o economista; médicos ilustres como o Dr. Alfredo da Costa, mestre de cirurgia, e Gama Pinto, o célebre oftalmologista; Silva Teles, o geógrafo; Cunha Gonçalves, o mestre do nosso direito, e tanto e tantos outros.

Todos eles nasceram nessa Índia que conheceu Caldas Xavier, o futuro herói de Marracuene; onde iniciou a sua carreira Mousinho, o trigueiro vencedor da Chaimite; onde Gomes da Costa ganhou as suas esporas, no combate de Gutnem.

A Índia! É uma história comum de quatro séculos como nenhuma outra, em que Goa foi o fanal donde irradiou para todo o Oriente a civilização cristã. Ali, repousa para sempre um certo Padre Mestre Francisco, espanhol de nascimento, que pagou a Portugal o ter dado à História de Espanha o vulto de Fernão de Magalhães. E é esse precioso depósito, adorado por Portugueses de todas as crenças e que torna ainda mais portuguesa a terra portuguesa da Índia, que nós não queremos que passe a mãos estranhas.

Em face de tais laços que nos ligam a Goa, Damão e Diu, carne da nossa carne, sangue do nosso sangue, nessas terras onde dormem o derradeiro sono tantos e tantos dos nossos, uns de nome apregoados pelas tubas sonoras da Fama, outros de morte obscura como humildes foram as suas vidas, não há em Portugal quem não sinta, no seu coração, o brutal ataque de um país que se considera pacífico.

Por isso, neste momento angustioso, Portugal, na Metrópole e nas ilhas atlânticas, no ultramar e nas colónias de portugueses dispersas pelo mundo, repele, indignado, a agressão.

Infelizmente, hoje, como há séculos, o sangue português corre na Índia. Repete-se a História. É bem verdade ser pesado o tributo que pagam os povos que, como nós, não cedem e se arrogam o direito de defender até ao último português aquilo que seus avós lhes legaram. Por isso, quando portugueses de humilde condição, de alma limpa e coração patriota, caem para sempre ao serviço do Império, a Nação curva-se respeitosamente ante a sua memória

e aprende no seu exemplo a defender o que nos resta da grande epopeia do século das espadas largas e dos portugueses de oiro” — Manuel Ferreira<sup>1</sup>.

Para as gerações novas de timorenses que não conhecem a história de Portugal e a epopeia dos Descobrimentos, dá-se a conhecer que o chamado Estado da Índia Portuguesa era constituído por Goa, Damão e Diu. Fazia parte do vasto Império Português. Essa antiga província ultramarina foi invadida e anexada pela União Indiana em 1961. A cidade de Goa era sede da Província e sede do Arcebispado. Hoje em dia, Goa, Damão e Diu fazem parte da República da Índia. Em Goa, encontra-se o corpo de S. Francisco Xavier, o apóstolo do Oriente.

---

<sup>1</sup> SEARA, Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli, julho-agosto de 1954, Ano VI, N. 4, pp. 194-195.